

*Alt-celt. Sprachschatz*, s. v., e Reinach in *Revue Archéologique*, 3.<sup>a</sup> serie, xxvii, 125; á cêrca do suffixo *-aico*, verosimilmente celtico, vid. Adolpho Coelho in *Revista de Guimarães*, III, 169 sqq., e H. Gaidoz in *Revista Lusitana*, I, 278.

Alem dos nomes celticos, já citados, existentes nas inscripções de Idanha, talvez outros haja ainda nessas inscripções, pois ellas contém muitos nomes não latinos.

Do estudo que acabo de fazer, conclue-se que á população ou populações antiquissimas de Idanha se sobrepuseram duas, bem averiguadas por documentos historicos: uma, segundo todas as probabilidades, celtica, revelada em nomes de homens e de divindades; outra, romana.

A população celtica manteve ahi ainda algum tempo a sua religião sob o dominio romano; mas as divindades romanas, como a Victoria, de que fallei a cima, e Marte e Juppiter, que constam de outras inscripções publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 435 e 436, foram pouco a pouco succedendo ás divindades indigenas.

J. L. DE V.

### Excursão á Torre de D. Chama

Ás tres horas e meia da manhã do dia 19 de Maio de 1895, saímos de Valpaços com destino á Torre de Dona Chama. Era pequena a

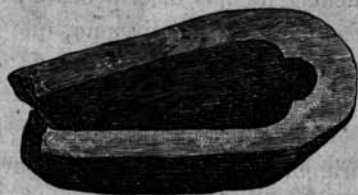


Fig. 1

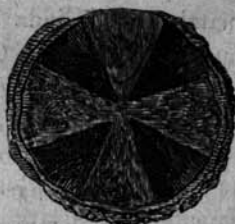


Fig. 2

companhia: os Srs. A. A. de Carvalho, Eduardo de Campos (Carcavellos) e eu. Ver a *berrôa* do largo do Pelourinho era o nosso fim; mais felizes, porém, vimos outras cousas que não contavamos se nos deparassem e são tambem dignas de se especializarem, alem d'esse monolitho.

Devido ao Sr. Eduardo de Campos (Carcavellos) é-me possível acompanhar esta noticia de alguns desenhos illustrativos.

Chegados aos Poçacos, entramos na estrada militar romana, que ligava o Tamega ao Douro<sup>1</sup>, por onde seguimos até passarmos o Tua, atravessando num curto espaço tres pontes cuja construcção se attribue aos Romanos: a primeira é a *Ponte do Arquinho*, assim chamada por constar de um só arco, sobre um affluente do Rabaçal; a segunda é a *Ponte de Valtelhas*, sobre o Rabaçal, affluente do Tua; a terceira é a *Ponte da Pedra*, sobre o Tua, affluente do Douro. Tanto a *Ponte de Valtelhas*, de cinco arcos, como a *Ponte da Pedra*, de seis arcos, são magnificas obras de arte.

Cêrca de 380 metros antes de se chegar á *Ponte de Valtelhas*, sobre o Rabaçal, encontra-se á mão direita, fazendo parte da parede de uma propriedade composta de vinha e oliveiras, um marco romano com uma inscripção que não pudemos ler. Esta inscripção deve vir nas *Memorias do arcebisopado de Braga*, de Contador de Argote.

A montante da *Ponte de Valtelhas*, junto da parede da frente de uma azenha, vimos uma sepultura cavada em uma pedra granitica;



Fig. 3



Fig. 4

está partida na parte inferior e serve actualmente de pia. Dimensões: comprimento 1<sup>m</sup>,70; largura maxima 0<sup>m</sup>,52 (fig. 1).

Na parede da frente da azenha ha uma pedra com uma cruz insculpida, cercada de tres circulos concentricos com estes raios: 0<sup>m</sup>,13; 0<sup>m</sup>,15; 0<sup>m</sup>,18 (fig. 2).

<sup>1</sup> Aureliano Fernández-Guerra y Orbe, *Las diez ciudades bracarense nombradas en la inscripción de Chaves*, in *Revista Archeologica*, II, 81 e 105.

Não foi sem magua, que, a montante do rio, vimos desmoronados um dos talhamares da *Ponte da Pedra*, sobre o Tua. Aquelle talhamar, que ficava entre o terceiro e o quarto arco, pôde durante seculos resistir á impetuosidade das aguas, suster o formidavel embate das arvores que ás vezes o rio arrasta, quando vae de monte a monte; mas teve de ceder á força de uma pequena bomba de dynamite. Em Setembro de 1894, um individuo que andava á péscia, servindo-se de bombas de dynamite, a que chamam aqui *velas*, lançou uma perto da ponte, com aquelle lamentavel resultado. Este modo de pescar

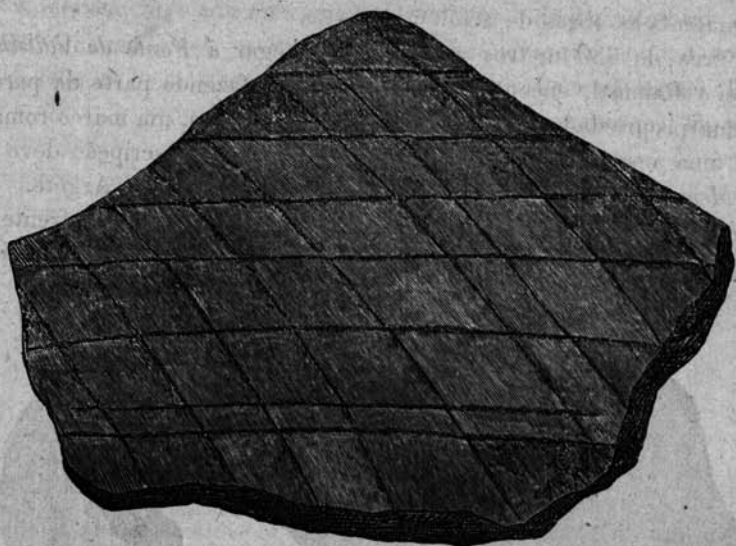


Fig. 5

é o que se emprega geralmente nos rios de Trás-os-Montes. As *velas* vendem-se onde quer, sem que as auctoridades se importem com isso. Quem numa povoação ribeirinha vir um homem com um braço amputado ou com uma das mãos escangalhadas, pôde estar certo de que em 100 vezes não se engana 10, attribuindo o desastre á dynamite.

A NE da *Torre de Dona Chama*, a uma distancia de 500 metros, proximamente, ha hum outeiro no qual, segundo uma lenda popular, se elevava a *torre* que habitava uma rica princeza moira de nome *Chama*: é um castro luso-romano. Perto do castro não ha nenhum curso de agua; mas affirmaram-nos que, num local correspondente a uma depressão do solo, existia uma cisterna, agora cheia de entulho. Disseram-nos tambem que tem por esses sitios apparecido grande quantidade de moedas.

Numa rapida visita ao castro depararam-se-nos:

1. Um penedo com algumas covinhas;
2. Uma sepultura aberta em rocha, orientada de O a E, com estas dimensões: comprimento 1<sup>m</sup>,90; largura maxima 0<sup>m</sup>, 55 (fig. 3);
3. Metade de uma fusaiola de barro, pesando 15 grammas (fig. 4);
4. Dois fragmentos de olaria: um, reproduzido em tamanho natural pela fig. 5; o outro é um pedaço da parte superior de um vaso (fig. 6);
5. Escórias em grande quantidade, principalmente num dos lados do castro a que o povo dá o caracteristico nome de *rua dos Ferreiros*;
6. Abundantes fragmentos de telhas grossas de rebordo (*tegulae*).

A tradição popular attribue origem moira a estes vestigios de antigos tempos. Aproveitando-se este elemento genuinamente tradicional, fez-se um conto, com o fim de interpretar o nome da povoação, conto que reproduzo por estar hoje popularizado.

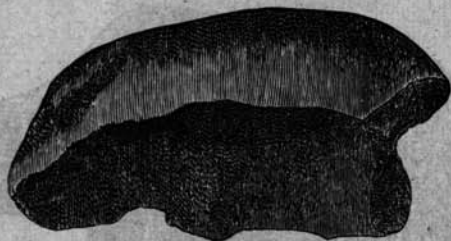


Fig. 6

«No alto do monte erguia-se uma *torre* que era habitada por uma linda princeza moira, afamada pelas suas extraordinarias riquezas, e ainda mais pela sua belleza incomparavel. Quando algum cavalleiro se dirigia ás sentinellas da *torre*, solicitando licença para fallar á princeza, as sentinellas, trazendo o consentimento da castellã, traduziam-no invariavelmente pela fórmula: *A dona chama*. Cavalleiro que entrasse na torre não tornava a sair. Um denodado cavalleiro, mais feliz do que os outros, porque logrou sair são e salvo do empreendimento de que tantos nunca escaparam, pôde, depois de adormecida a princeza, tirar-lhe de um dedo um anel; levantou-se da cama com todo o cuidado para não a acordar e, chegando até ás sentinellas que lhe quizeram embargar a passagem, mostrou-lhes o anel, signal certo de indissolúvel alliança. Convencidas as sentinellas deixaram-no passar. A princeza, depois de acordada, não vendo o cavalleiro, gritou pelas sentinellas, que a informaram do succedido. «Está descoberto o meu segredo!» exclamou a princeza, ficando em seguida encantada



juntamente com os seus thesouros. A princeza, como era incontinente, recebia sempre os cavalleiros que a procuravam; depois, para que não descobrissem o seu segredo, — a princeza tinha pernas de cabra —, mandava-os matar. Se não fosse a astucia do último cavalleiro, nunca se alcançaria saber que a linda moira que habitava a torre era

Dona Chama Chamorra,  
Pernas de Cabra,  
Cara de senhora.»

É no largo do Pelourinho que se encontra a *berrôa*. Em Trás-os-Montes conheciam-se já tres monumentos semelhantes: em Bragança, o *porco* do Pelourinho; em Murça, a *porca*; em Parada de Infanções, o «*berrão* do adro», tornado notorio pelo Sr. J. Leite de Vasconcellos.



Fig. 7

A estes tres monumentos se accrescentará agora mais um: a *berrôa* do largo do Pelourinho da Torre de Dona Chama.

A *porca* de Murça, que vi em 23 de Março de 1890, é formada de uma só pedra de granito. Dimensões: comprimento 1<sup>m</sup>,85; altura 1<sup>m</sup>,10; circumferencia abdominal 2<sup>m</sup>,80 (fig. 7).

A respeito do *berrão* do adro de Parada de Infanções diz o Sr. J. Leite de Vasconcellos: «Na aldeia de Parada de Infanções (concelho de Bragança) encontrei em 1884, no adro da igreja, um curioso monumento de pedra muito semelhante ao de Murça (eu vi este de noite, á luz de um phosphoro, muito de corrida, e não pude estabelecer bem a comparação, que só á face de photographias ou

bons desenhos se pôde fazer com exactidão), a proposito do qual o povo da localidade conta que havia ali outr'ora um porco e uma porca de que se pagavam grandes tributos não sei a quem: por causa d'isso metteram a porca na parede da igreja e deixaram o porco cá fóra; o povo chama a este interessantissimo monumento o *berrão do adro*. Será verdadeira a lenda da introdução de um monumento analogo na parede? Não sei. Em todo o caso a archeologia e a ethnologia portuguesa podem archivar mais este facto da existencia de um monumento, certamente idolo ou cousa semelhante, analogo ao de Murça e de Bragança. É para notar que numa zona tão pequena apparecessem pelo menos tres tão parecidos<sup>1</sup>.

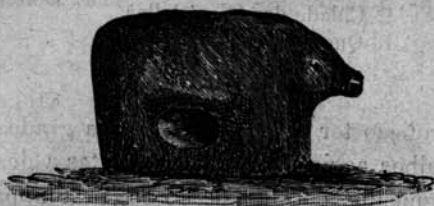


Fig. 8

A *berrôa* do largo do Pelourinho da Torre de D. Chama é, como a porca de Murça, formada de uma só pedra de granito. No largo, o pelourinho ergue-se por trás da *berrôa* e sustenta no alto as quinas. Dimensões da *berrôa*: comprimento 1<sup>m</sup>,65; altura 1 metro; circumferencia abdominal 1<sup>m</sup>,90 (fig. 8).

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

### Antiguidades do concelho de Cintra

No n.º 5 d-*O Archeologo Português* vem inserta uma informação, que se refere á existencia em S. João das Lampas de umas furnas naturaes, que são denominadas pelo povo — *Covas dos Mouros*.

No intuito de proceder ao reconhecimento, e porventura á exploração d'essas grutas, se se verificasse terem sido logar de habitação

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, 1, 188 e 189.